

A CONSTRUÇÃO DO HOMEM AMAZÔNICO DE EUCLIDES DA CUNHA COMO PRODUTO DE UMA MEMORIALÍSTICA GEOGRÁFICA ¹

Adriana Conceição dos Santos da Silva *

Alexandre Pacheco **

RESUMO: Neste trabalho temos o intuito de demonstrar como o discurso de Euclides da Cunha construiu a identidade de seu homem amazônico de forma semelhante ao que realizou para o seu homem em “Os Sertões”, ou seja, utilizando o recurso da substituição da História pela Geografia, ou melhor, através da mobilização de uma memorialística geográfica. Construção que se reflete em sua busca pela identidade desse homem através do que Finazzi-Agrò chama de o recolhimento dos fragmentos dispersos de sua própria existência no momento em que Euclides realizava sua experiência na Amazônia do início do século XX. Tudo isso, a partir de um movimento, como fala Finazzi Agrò, arqueológico e genealógico, passível de permitir a construção da origem e destino da trajetória desse homem através do recolhimento de seus vestígios no espaço amazônico distante e atrasado em relação às regiões mais modernas do país. A partir dessa operação, a memória transforma-se em herança da geografia.

PALAVRAS-CHAVE: Homem, Amazônia, Geografia, Memorialística.

Neste texto pretendemos demonstrar à luz da análise das discussões entre história e ficção, que a imaginação literária, ou seja, os talentos poéticos que estiveram subjacentes à realização do discurso histórico de Euclides da Cunha, em sua obra *À Margem da História*, revelam a busca por uma genealogia da forma e do sentido da identidade do seu homem amazônico através da representação dele como produto de uma ausência. Ausência dos caracteres da civilização ocidental que surge no bojo da modernidade.

Neste sentido, a construção desta identidade foi possível graças ao recurso metodológico que buscou a origem dos elementos constitutivos de seu homem amazônico, naquilo que em sua antiguidade poderia ser encontrado na distância geográfica da Amazônia em relação ao Brasil. Ou seja, no recurso metodológico que procurou encontrar uma origem para a identidade de seu homem amazônico através

da substituição da história pela geografia, no intuito de se perceber como sua origem poderia ser estar inscrita no isolamento de sua presença no longínquo.

Vejamos.

A Amazônia surpreendente de Euclides da Cunha

Euclides da Cunha em “À Margem da História”² nos mostra como se encontrava a imensa planície amazônica e como se encontrava o “homem” que ali habitava no início do século XX. Convidado para chefiar a Comissão de Reconhecimento do Alto Purus pelo Barão do Rio Branco, Euclides partiu sem saber o que iria encontrar na região. Entretanto, sempre fora seu desejo conhecer a Amazônia e se integrar à sua vastidão.

As primeiras impressões que Euclides teve da região foram de um “horizonte vazio”, de “uma grande planície monótona”. A primeira vista, quem viaja para aquelas paragens se depara com um cenário invariável, é um viajar num percurso fechado, porém, depois de observar a Amazônia nos seus detalhes e nas suas diferenças se percebe a grandiosidade que ela possui.³ Euclides da Cunha vai de encontro ao “deserto” e ao observar aquela terra, o autor percebe a exuberância da região mas ao mesmo tempo o seu abandono, percebe ainda uma Amazônia esquecida da civilização e nota que nesse esquecimento se encontrava o “homem”.

Vejamos a impressão que teve:

A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem... Os mesmos rios ainda não se firmaram nos leitos; parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis, contorcidos sem sacados, cujos istmos a reveses se rompem e se soldam numa desesperadora formação de ilhas e de lagos de seis meses, e até criando formas topográficas novas em que estes dois aspectos se confundem; ou expandindo-se em furos que se anastomosam, reticulados e todo incaracterísticos, sem que se saiba se tudo aquilo é bem uma bacia fluvial ou um mar profusamente retalhado de estreitos.⁴

Essa é a visão de Euclides da imensidão da Amazônia, onde a flora ainda é grandiosa e a fauna é singular. Os rios, que são os grandes responsáveis pelas

mudanças no meio ambiente, durante as grandes enchentes levam consigo florestas quase que inteiras e quando baixam suas águas o que resta é uma imensa planície que se transforma constantemente ao movimento de vai e vem das cheias. A impressão transmitida é de um lugar que nada falta e ao mesmo tempo falta-lhe tudo, por obter uma singularidade que reflete ser surpreendente, valiosa e desarmônica. Isso, devido às paisagens estarem sempre em construção. Nesse sentido, o rio tem função destruidora e, exclusiva, de construir a miragem de um território.⁵ Assim Euclides traduz esse lugar:

E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgastamento ininterrupto, as largas superfícies que atravessa. [...]

Não se lhe apontam formações duradoras, ou fixas. Por vezes, nas arqueaduras de seus canais remansam-se as águas fazendo que se despontam os sedimentos conduzidos e as sementes que acarretam. Então as faculdades criadoras do rio despontam surpreendentemente. O baixio, prestes recém-formado e aflorando à superfície, delineia-se em contornos indecisos; define-se logo, vivamente; dilata-se e ascende, bombeando levemente nas águas; e na ilha que se gera, crescendo e articulando-se a olhos vistos, apontada de cabuchos, que se alongam e se retorcem à superfície à maneira de tentáculos, de um prodigioso organismo desencadeia-se para logo a luta das espécies vegetais tão viva e tão dramática que nem lhe faltam no baralhamento dos colmos, das hastes ou das ramagens revoltas, estirando-se, enredando e confundindo-se, todos os movimentos convulsivos de uma enorme batalha sem ruídos [...].⁶

No capítulo “Rios em abandono”, Euclides descreve um dos rios mais importantes da bacia Amazônica que é o Purus e seus afluentes. O Purus, em toda sua extensão, possui 3.210 quilômetros, indo de sua embocadura localizada [...] “no Solimões até aos últimos manadeiros do ribeirão Pucani, na serra deprimida, e sem nome, que separa as maiores bacias hidrográficas da Terra” [...].⁷ Mostra-o como um dos mais tortuosos cursos d’água, de forma que a variação em seu leito é pouca e constante por causa de sua baixa velocidade, bem como devido à instabilidade causada em sua calha pela inconsistência de seus terrenos, que o autor afirma serem aluvianos. Esse fato geológico resulta na existência de fracas correntezas que comprometem o movimento mais rápido de suas águas, fazendo com que não haja grandes extensões de direções intorcíveis. Entretanto, se muitas vezes por isso, os obstáculos o deslocam, tal fato não significa necessariamente que seu leito irá mudar de curso. Nesses casos, após as enchentes, o rio supera os

obstáculos e retoma sua calha original, deixando em suas margens a formação de lagos que ocupam os desvios provocados pelos obstáculos. Essa oscilação em seu eixo faz com que sejam resolvidos, segundo o autor, problemas na hidráulica do Purus, pois, se de um lado, os lagos amenizam as enchentes devastadoras, por outro, nos momentos de secas, faz com que a água nele acumulada, corra para a calha original do rio.⁸

Por outro lado, o Purus nesse processo inconstante de fundação de sua calha, acaba se enchendo de troncos, raízes e galhos de árvores que se amontoam às suas margens. Ao observar que o rio sofre esse agravante, Euclides não se conforma, sobretudo por perceber que esse fato compromete a navegação sobre as suas águas tornando o rio impenetrável em muitos pontos. Percebe também, que os homens que ali trafegam como o caucheiro, o peruano, o seringueiro não realizam melhorarias para a única estrada que lhes garante comunicar-se e transportar a seringa. São repetidas as vezes que todos passam pelo mesmo caminho, esbarrando suas canoas junto aos obstáculos, situação que revela extrema precariedade, já que nada fazem para desobstruir o leito do rio.⁹

Portanto, Euclides mostra que:

O contraste desta navegação com as admiráveis condições técnicas iminentes ao rio é flagrante. O Purus e como ele todos os tributários meridionais do Amazonas, à parte o Madeira – está inteiramente abandonado. [...]

Entretanto, o simples enunciado destes inconvenientes, evidentemente alheios às suas admiráveis condições estruturais, delata que a remoção deles, embora demorada, não demanda trabalhos excepcionais de engenharia e excepcionais dispêndios. [...]

O que resta fazer, ao homem, é rudimentar e simples. [...]

Os grandes, os sérios problemas de hidráulica fluvial que ali houve, resolveu-os o próprio rio agindo no jogo harmonioso das forças naturais que o modelaram.¹⁰

“O Purus é um enfeitado”, como afirma Euclides, por estar em completo abandono, de maneira que Euclides aconselhou ao governo brasileiro compromissos imediatos a partir de serviços organizados que viessem a beneficiar e salvaguardar o majestoso rio.¹¹

Portanto, perante o homem itinerante a natureza amazônica é monótona e estável; por outro lado, para o homem que se torna sedentário e que pretende se apropriar dela para submeter à sua cultura, ela se demonstra brutal e desconexa,

surpreendendo a cada instante o homem por sua grandeza.¹² Entretanto, o brasileiro, diz Euclides, ao chegar naquela vasta região

[...] é estrangeiro, e está pisando em terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes.¹³

Assim, de acordo com Euclides, a [...] “adaptação exercita-se pelo nomadismo”.¹⁴ O seringueiro, ao chegar aos seringais da Amazônia, sente-se um *solitário* por estar perdido no deserto da floresta, [...] “trabalha para escravizar-se” [...] ¹⁵, pois cada dia no seringal representa uma tarefa difícil, o recém chegado enfrenta uma longa jornada. Logo que chega, a um determinado lugar, já precisa ir embora novamente e parte pelas estradas na mata todos os dias. Sai a peregrinar em um território que se transforma para ele como uma verdadeira prisão, que não necessita de muros. Nesse sentido, Euclides da Cunha considera o emigrante um estranho dentro da própria pátria e ressalta a urgência de medidas que salvem a sociedade a qual está obscuramente abandonada. Para ele, é preciso que se crie uma [...] “lei do trabalho que nobilite o esforço do homem; uma justiça austera, que lhe cerceie os desmandos; e uma forma qualquer de *homestead* que o consorcie definitivamente à terra.” ¹⁶

Assim, após a descrição do cenário geográfico ao qual Euclides da Cunha, magistralmente vinculou seu homem amazônico, vejamos também como ele construiu a genealogia desse tipo humano a partir de sua experiência na Grande Floresta.

Euclides da Cunha e o seu memorialismo geográfico

O discurso de Euclides da Cunha buscou construir uma identidade para o seu homem amazônico de forma semelhante ao que realizou para o seu homem em “Os Sertões”, ou seja, utilizando o recurso da substituição da História pela Geografia, ou melhor, e se dizendo agora, através da mobilização de um memorialismo. Isso está refletido em sua busca pela identidade desse homem através do recolhimento dos

fragmentos dispersos de sua existência no momento em que Euclides realizou sua experiência na Amazônia. Tudo isso, a partir de um movimento, como fala Agrò, arqueológico e genealógico, passível de permitir a construção da origem e destino da trajetória desse homem através do recolhimento de seus “cacos coloridos e vetustos” encontrados no espaço distante e atrasado que contemporaneamente viveu e isoladamente conviveu com outras regiões mais modernas do país. A partir dessa operação, a memória transforma-se em herança da geografia.¹⁷

De acordo com Finazzi-Agrò:

O caso que eu considero exemplar e paradigmático é, obviamente, o de Euclides da Cunha: brasileiro que, dentro de sua adesão inquieta ao positivismo, teve a coragem de descobrir e denunciar aquilo que outros brasileiros tinham escondido sob o tapete da história e das boas intenções nacionalistas. Ou seja, que sendo, a sua Pátria, uma “terra sem pátria” (o que significa também sem pai, sem descendência ou tradição paterna), sendo um espaço imenso e fundamentalmente sem história, era preciso pensar o País a partir não do tempo que ele ocupa, que ele organiza e pelo qual ele é supostamente organizado, mas, justamente, partir do espaço – espaço fundamentalmente vazio – que ele realmente preenche e que lhe dá sentido. Toda a sua obra maior pode, de fato, ser lida como uma grande tentativa, finalmente consciente, de substituir a História com a Geografia e, por isso, de encontrar o Passado no Longínquo, o Antigo no distante, e, sobretudo, de identificar o princípio histórico com o Centro geográfico.¹⁸

10

Euclides da Cunha, em seus relatórios sobre o Alto Purus, denuncia a mais fraudulenta exploração do trabalho, como já dissemos, onde o nordestino viveu um transplantar de outra história, longe de uma civilização que o esqueceu, submetendo-se a um cenário desértico, numa região onde ele teve que se adequar e povoar. [...] “Nós tivemos que formar num longo esforço, até de seleção telúrica, o homem, para vencermos a terra” [...].¹⁹

Portanto, o autor usa o espaço geográfico como forma de determinar o tempo vivido pelo homem amazônico, trazendo o sertanejo e o transformando-o no seringueiro que carrega consigo uma trajetória de vida passível de servir àquilo que Finazzi Agrò retrata como sendo a reconstrução [...] “de uma origem plural e o destino incerto de uma Comunidade que não tem, na verdade, nada em comum senão, justamente, o Nada que a institui, o Esquecimento que a funda.”²⁰ Tudo isso, demonstrando-nos como esse seringueiro poderá se postar como herdeiro de uma memória da trajetória coletiva de outros seringueiros que, no entanto, só poderão ter suas vidas reconstruídas através da análise de suas respectivas experiências

naquele presente em que se encontram isolados, tal é a história deles marcada pela “falta de origem”, por não possuírem uma “pátria”, por não possuírem definição de sua descendência ou mesmo alguma tradição. De forma que, nessa condição, foram fundados nesse espaço imenso e fundamentalmente sem história.

Neste espaço geográfico do isolamento que castiga o seringueiro que foi para a Amazônia a partir de uma “ambição maldita”, mas que na verdade encontra o duro trabalho na floresta, as dívidas impagáveis com o seringalista, as humilhações impostas por seus jagunços, as heranças de um passado sem glórias, todas essas experiências, enfim, eram vivenciadas pelo seringueiro num único dia, e no sábado de Aleluia. Dia eleito para a divinação da vingança, seu único dia de descanso que, no entanto, é utilizado para representação da autopunição desse homem rude. É um “doloroso triunfo”, como diz Euclides, de forma que ele cria sua escultura à imagem de Judas, como descreve o autor:

O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafia-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia, recalando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jogou, escravo à gleba empantanada dos traficantes que o iludiram.²¹

11

Ao observarmos essa comparação e de acordo com Finazzi-Agrò, percebemos como foi possível a Euclides descrever em “Os Sertões” e “À Margem da História”, esse homem através de suas heranças, fruto das recordações apenas dos cacos que restaram de sua origem e que estão escondidos ilusoriamente em um espaço esquecido e num tempo que não se percebe, impossibilitando a esse homem criar sua própria história ou até supor uma origem de si mesmo.

Nesse sentido, Agrò afirma que:

Aquilo que resta são, de fato, apenas os restos: os míseros restos de um tempo morto e irrecuperável na sua inteireza, de um passado que só com o amor e paciência, com os dedos feridos e com o desencanto irônico do genealogista, pode ser desenterrado e reorganizado em novas constelações de sentido, em muitas pequenas “pátrias”. Em figuras precárias, enfim, nas quais a razão coabita com o seu contrário, nas quais a identidade convive com a pluralidade, nas quais cada Presença esconde uma Ausência, nas quais o Início guarda a forma antiga e enigmática de uma interrogação sem respostas.²²

Em “Os Sertões”, Euclides descreve o ambiente em que o nordestino criou suas heranças sem tradição, e assim o fez por estar isolado em um espaço geográfico onde vivia o esquecimento. Organizando-se ou construindo-se a partir de um padrão de vida primitiva, marginal à civilização litorânea, estando ele à margem do progresso, como descreveu o autor:

Não sofismemos a história. Causas muito enérgicas determinaram o insulamento e conservação do autóctone. Destaquemo-las. Foram, primeiro, as grandes concessões de sesmarias, definidoras da feição mais durável de nosso feudalismo tacanho.²³

Nesse contexto, em “À Margem da História”, o autor transportará essa mesma narrativa, mostrando-nos em que ambiente isolado o seringueiro viveu suas heranças, suas recordações.

Se, por um lado, em “Os Sertões”, vislumbramos as consequências de um feudalismo tacanho implantado no nordeste, desde a colônia, que contribuiu para a situação de isolamento do sertanejo, por outro lado, em “À Margem da História”, o autor se reporta ao seringueiro como tendo sido isolado por um feudalismo “acalcanhado e bronco”, fazendo-o se encontrar na mesma situação de isolamento que os desmandos da nossa época colonial transmitiram aos viajantes que por aqui passaram:

Vai-se de um a outro século na inaturável mesmice de renitentes tentativas abortadas. As impressões dos mais lúcidos observadores não se alteram, perpetuamente desenfluídas pelo espetáculo de um presente lastimável contraposto à ilusão de um passado grandioso. O homem de ordinário leva àqueles lugares a imprevidência característica da nossa raça; muitas vezes carrega a família, que lhe multiplica os encargos; e quase sempre adoece, mercê da incontidência generalizada. Adicionai a isto o desastroso contrato unilateral que lhe impõe o patrão. Os regulamentos dos seringais são, a este propósito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renascer de um feudalismo acalcanhado e bronco. O patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, coisas assombrosas.²⁴

Para terminarmos, podemos dizer que ao encontrarmos o termo feudalismo nas duas obras, percebemos como a idéia da utilização de uma memória geográfica por Euclides para a construção do sertanejo em “Os Sertões”, de acordo com Finazzi-Agrò, procede também para a análise da construção do seringueiro em “À Margem da História”.

Ao compararmos o discurso que Euclides procurou construir sobre o homem amazônico a partir dessa identidade em “À Margem da História”, com o discurso que ele procurou construir a partir da forma e do sentido do sertanejo na obra “Os Sertões”, percebemos que ambas as construções foram possíveis graças ao recurso metodológico que tem como intenção a busca da origem dos elementos constitutivos dessas identidades, naquilo que em sua antiguidade estariam inscritas na distância geográfica que tanto o Sertão, como a Amazônia, possuíram, naquele momento, em relação ao Brasil. Ou seja, através da utilização do recurso metodológico que tem como percurso encontrar uma origem para essas identidades através de uma substituição da História pela Geografia, no sentido de perceber como se elas se forjaram através de sua “presença” no longínquo.

REFERÊNCIAS

- AGRÓ, Ettore Finazzi. Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia. In: **Anos 90**: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nº 12, p. 07-16, dez/1999
- CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002

NOTAS

¹ Neste texto, pretendemos divulgar parte dos resultados da pesquisa que estamos realizando através de subprojeto de pesquisa intitulado “Euclides da Cunha e a genealogia da identidade do homem amazônico”, ligado ao projeto de pesquisa Arthur Cezar Reis, Leandro Tocantins e a modernização capitalista da Amazônia: História, Literatura e Poder (década de 60 do séc. XX), ambos estudos vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UNIR/CNPq.

* Discente do curso de graduação em História da Universidade Federal de Rondônia e pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/UNIR/CNPq.

** Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista e Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia.

² Parte da publicação do livro “À Margem da História”, se constitui de uma série de relatórios, cartas e artigos redigidos a partir da expedição feita por Euclides da Cunha como chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, realizada entre os anos 1904 e 1905 após ser eleito como membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O livro, inspirado em seus relatórios, foi concluído em 1908 e publicado após sua morte em 1909. Euclides da Cunha

procura demonstrar nessa obra as impressões que teve sobre a Amazônia e o que repercutia sobre a imagem do homem amazônico na sociedade litorânea daquela época. Em seus relatórios, ele demonstra o descaso e o abandono pela terra e pelo homem que vivia em plena selva amazônica no início do século XX. CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006, p. 223 a 232.

³ CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006, p 17, 18 e 28.

⁴ Idem, p. 18.

⁵ Idem, p. 19, 20, 21,24.

⁶ Idem, p. 23 e 24.

⁷ Idem, p. 33.

⁸ Idem, p. 37 e 38.

⁹ Idem, p. 39 e 40.

¹⁰ Idem, p. 41.

¹¹ Idem, p. 43.

¹² Idem, p. 28.

¹³ Idem, p. 23.

¹⁴ Idem, p. 28.

¹⁵ Idem, 2006, p. 28.

¹⁶ Idem, p. 23, 31, 51 e 52.

¹⁷ Vejamos o que fala Finazzi-Agrò sobre essa memória que sai à cata dos restos de uma suposta origem para o modo de vida do sertanejo, no presente de Euclides: “Numa terra sem pátria ou numa pátria que “devorou” seus pais, a memória só pode recolher os restos ocultos de uma tradição extinta, de uma civilização sepulta, que por sua vez se espelha, com todas as suas falhas e lacunas, num “museu de sonho”. Tanto quanto numa Europa sacudida pelo vento que arrasta consigo o Anjo da modernidade, assim num Brasil cujo passado se apresenta desde sempre como um “cúmulo de ruínas”, a única figura que nos fala de uma redenção possível desse tempo em frangalhos, dessa memória esfarrapada, é o Colecionador, aquele para quem, segundo Walter Benjamin, a história ‘se torna objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo vácuo, mas aquela determinada época, aquela determinada vida, aquela determinada obra’: a sua tarefa é a de tirar ‘a época do âmbito da *continuidade histórica* reificada, e assim a vida da época, e assim a obra da obra de uma vida’.” AGRÓ, Ettore Finazzi. Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia. In: **Anos 90**: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nº 12, p. 07-16, dez/1999, p. 13 e 14.

¹⁸ AGRÓ, Ettore Finazzi. Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia. In: **Anos 90**: Revista do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nº 12, p. 07-16, dez/1999, p. 11.

¹⁹ CUNHA, op. cit., p. 102.

²⁰ AGRÓ, op. cit., p. 14.

²¹ CUNHA, op. cit., p 70 e 71.

²² AGRÓ, op. cit., p. 15.

²³ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002, p 107.

²⁴ CUNHA, op. cit., p. 26 e 30.